



GIL VICENTE

Semanario Monarchico e Regionalista
(Litterario e Noticioso)
Propriedade da Empresa "Gil Vicente",
Redacção e Administração:
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100



VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrevelones
Me pegaron á la entrada
A uno de los rascanos
VAQUERO*

Director e Editor: D. Ribeiro.
Administrador: J. M. Fernandes.
Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesa
Rua de Santo Antonio, 433 e 435

Sua Magestade El-Rei

No dia 15 de Novembro passou o aniversário de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II.

O «Gil Vicente», cada vez mais convicto da verdade da doutrina que defende, sauda na Augusta pessoa de Sua Magestade o principio Monárquico.

Nós, os que escrevemos neste semanário, obedecemos ás ordens de Sua Magestade; mas com a franqueza própria da nossa idade, desde já declaramos que obedecendo ao Rei, não queremos saber de modo absolutamente nenhum da Carta de 26, anacrónica, e incapaz de conciliar as aspirações do futuro com as tradições do passado. A Monarquia que hemos de restaurar tem de ser nova, absolutamente nova. Outros têm de ser os processos, diferentes hão de ser os modos de governar.

E' preciso que se não repitam erros que nos

levaram á república. Esta tem de ser banida para sempre. Os dez anos que ela nos tem feito pesar sobre as cabeças, são uma prova irrefutável de que a lucta para bem da Pátria tem de intensificar-se. Nós, contrariamente á mór parte dos monárquicos, não reconhecemos a república, a não ser como regime de facto. Pensamos como o illustre escritor António Sardinha, que só a reconhece para a combater.

Não podemos nem devemos manter-nos na expectativa. Venha uma direcção capaz e decidida, façamos todos — monárquicos cartistas e integralistas — a união o vamos de novo para o campo das reivindicações práticas. Deixemos de sentimentalismos. Combatamos pela Monarquia Nova, com coragem e sangue frio. Se assim fizermos o dia da victória não tardará. A república faliu.

sertaremos dele, diante de nada. E graças a Deus, os monárquicos aumentam em numero. Os indiferentes perante formas de governo, vem para nós.

Todos se vam convencendo de que na republica não ha vida. O que nós devemos é agir. Saíam os grandes jornaes diários da Monarquia. Agite-se a opinião publica. Digamos a todos o que a Restauração será. Ponhamos diante dos olhos de todos a vida crapulosa da demagogia. Digamos ao povo que a republica o enganou. Digamos-lhe que se a vida está cara, a culpa é da republica. Que se ha greves, a culpa é do regime. Que se a Patria se perde, a culpa é da democracia. Que se o nosso crédito é nulo, a culpa é da Falperra de barrete frigio. Que se a desordem é grande, da republica é ainda a culpa. Que se estalam bombas por todos os sitios, a responsavel é a republica que a elas deve a existencia. O senhor Granjo não votou nem fez votar a amnistia. Nós não lh'a pedimos.

A republica e a Igreja

Os jornaes affectos ao regime exultaram pelo simples facto de Sua Eminencia o senhor Cardeal Patriarca, comparecer nas festas que o governo da republica fez a Suas Magestades, os Reis da Belgica. Tiram do caso uma ilação que não tem o direito de tirar. Dizem que o senhor Patriarca reconhece isso que para ai está, e auguram dias melhores á republica porque os adversarios das instituições não podem já explorar o catolicismo em prol da realza. Bem está. O prelado lisbonense foi saudar o Rei, porque este é chefe duma Nação Catolica, é catolico e foi além disso nosso hospede, e para estes — principalmente quando sam delicados — todas as atenções sam poucas. Mas querer de caso tam simples concluir para uma aliança da Igreja com a republica, é tolice tamanha que só cabeças republicanas a podem dizer. A Igreja não pode em Portugal manter-se neutral para com um regime que só a reconhece para a expoliar e atacar na sua hierarquia, nos seus dogmas, na sua disciplina. Não pode muito menos aliar-se á republica, porque nunca o bem se aliou ao mal, nem Deus ao diabo. Como podem os catolicos querer a republica que escreve nas bandeiras das escolas «sem Deus nem religião»? Como podem ver com indiferença o regime que expulsa as ordens religiosas, que profanou egrejas, que tirou a estas os bens que legitimamente lhes pertenciam? Ninguém desconhece que os homens da republica fazem gala de serem livres pensadores e sam tanto mais republicanos quando menos crença tem. As leis que a republica tem feito contra a Igreja, sam geralmente apresentadas — para serem aprovadas, ao Grande Oriente Lusitano. Indivíduo que seja catolico passa logo como perigoso ao regime. Os catolicos, neste regime de tanta originalidade, sam homens a quem as leis não defendem, mas sim-

plamente toleram. Os catolicos não ignoram que para praticarem o culto externo tem de pedir licença ao regime. Que não podem baptisar os seus filhos, nem enterrar os seus mortos sem o visto da autoridade da republica. Que não podem com confiança mandar os seus filhos para os collegios porque a republica prohibe o ensino religioso nestas casas. Que a republica chegou por ordem do ministro Macieira a expulsar das suas dioceses todos os bispos de Portugal. Que as procissões senão podem fazer, por causa dos defensores. Que o bispo do Porto esteve a ponto de ser victimado no assalto ao Circulo Catolico da mesma cidade, e do inquerito feito nada apuraram. Que as alfaias das Egrejas e que eram propriedade dos crentes passaram a ser pertença das juntas de freguesia tendo a demagogia no seu inicio o cuidado de escolher para membros dessas juntas os individuos mais hostis á Igreja e ao padre. Que a republica fez sentar no banco dos reus essa grande figura de bispo e de portuezgo, que se chama D. Antonio Barroso.

Tudo isto a republica tem feito. Tudo isto os crentes sabem.

Se a republica quere que os catolicos a deixem em paz, tem em primeiro lugar de se penitenciar dos seus erros e enveredar por outro caminho no que respeita á questão religiosa. Se a republica revogar todas as leis que ferem a consciencia catolica, poderão os crentes combater a unica mente sob o ponto de vista politico. Mas a continuar sendo ateis e perseguidora, que pode ela esperar de nós, os catolicos? Passando ao outro ponto que originou estas linhas, pela parte que nos toca, nós dizemos a todos os republicanos que não exploramos com o catolicismo. Combatemos a republica, porque esta é o que de pior ha para a felicidade do paiz. Republica e Nação portugueza, sam coisas antagonicas. A Monarquia ha de vir, no dia em que os cegos da republica virem o erro em que andam. Ha de vir que por ela combatemos nós. Co-

mo catolicos obedecemos ao Papa, aos bispos e ao nosso paroco. Mas o que nenhuma autoridade religiosa pode, é obrigar-nos a amar a republica. Isso nunca. As ideias politicas pertencem a cada um. Delas só damos satisfações ao nosso Rei, Deus, Patria e Rei é a nossa divisa, senhores da republica. Agradava-lhes agora, senhores, que os bispos aderissem? Que desejo tam santo. Esperem por essa...

REPAROS...

A's autoridades

Chamamos a atenção dos senhores a quem a republica confiou a defesa da ordem, para o que ai se escreve contra a disciplina que deve haver nos quartéis, contra a Patria e contra a ordem social. Ha um certo numero de verdades que se não podem atacar no abrigo de nenhuma lei. Olhem para isso, senhores da governança. Isto de fazer a apologia da anarquia e da salada russa, é forte. Inta que o bolchevismo seja a republica aperfeiçoada, nós, os amigos da ordem, é que não estamos por isso.

Protestam...

Os proletarios agitam se. Protestam contra o preço que o milho atingiu. Tem razão. Mas tambem nós a temos para protestar contra o preço que os senhores sapateiros nos levam pelas botas. Contra o elevado preço que os senhores alfaiates nos levam pelo feito dum fato. Contra o elevado preço que os senhores artistas nos querem por oito horas de trabalho.

Quem é que hoje faz viagens para as romarias em automoveis? Os artistas. Ganham mais que muitos bachareis. Que estragem menos. Que aprendam a economisar. E de resto o proprietario é quem menos dinheiro tem hoje. Querer tambem ser proprietarios? Economizem e comprem, que a lei a todos facultta este meio de aquisição de propriedade. Agora tomar conta dele, roubando, isso será muito socialista, mas é bem pouco humano.

Venha... por misericordia

Caiu o senhor Granjo e, como sempre, os republicanos apelam para o engeitado de Ceia para que venha amparar isto... Mas ele não está pela conta. Ganha rios de dinheiro e gosa... Demais a mais, ele ainda se lembra bem do cinco de dezembro... e do electrico que o ia matando. Os sidonistas é verdade que acabaram. Mas os monárquicos é que são capazes... Porém, nós descançamos já os mais medrosos... Não consentiremos mais Leis da Morte. Só consentiremos leis da vida para as colonias. Não vão já para lá o senhor Camacho e sua excellencia o senhor Norton de Matos? O bocalhao padre e os troços que em Angola houve ai por 1915 já acabaram...

A AMNISTIA

Consumou-se a infamia. O senhor Granjo, o pretenso representante das direitas, caiu. E caiu sem ter dado ao paiz explicações claras e terminantes das razões que o levaram a abandonar o poder, sem apresentar ao parlamento pela segunda e ultima vez o projecto de amnistia aos monárquicos presos. O sr. Granjo caiu e com ele lá se foram para sempre os conservantismos vesgos e tórpes das direitas desta interessantissima republica. Caiu o senhor Granjo com os contractos escandalosissimos do trigo e do carvão, e a republica caminhou mais alguns passos para a morte que nós lhe daremos para que a Patria viva.

O senhor Granjo, o conservador, caiu e na republica lisboeta sam todos iguaes. Não se iluda ninguém. Na republica não ha que escolher. Sejam radicaes, sejam conservadores, a diferença que entre eles ha é simplesmente esta: parvos barriguistas e simplesmente parvos. A republica prefere indultar gatunos e sediciosos, a restituir a liberdade aqueles que pelo seu paiz sacrificaram a vida e os haveres. Amnistiam-se os homens da Mão Fatal em terras de França e mantem-se na Penitenciaria homens

com a Legião de Honra e bravos que jogaram a vida em defesa do Paiz no momento em que os cachapins e outros — marca principe Sebastião — gosavam os rendimentos e prudentemente se conservavam a quilómetros de distancia do front.

A republica desmascarou-se e ainda bem! para muitos que os chamados liberaes esperavam elixires maravilhosos. Não dam a amnistia. Estam no seu direito. Tem a força da guarda pretoriana a defender-lhes as costas. Tem a casa da moeda a fabricar notas para lhes pagar. Muito bem. Mas o que a republica deve ter é a coragem bastante para mandar para a Africa os monárquicos que a Inquisição republicana condenou a torto e a direito. Tem obrigação de o fazer. Exigimos-lho nós, exigem-lho todas as consciencias boas, exigem-lho noventa e oito por cento da população portugueza. A republica não pode viver como se nós, os monárquicos, não existissemos. Nós representamos a parte mais sã da população de Portugal. Nós fiscalizamos os seus actos e tomamos os nossos apontamentos para o dia do Juizo Final. Não se iluda a republica se julga que com os processos de que é vezeira nos faz perder a coragem. Nós combatêmo-la com todas as forças da nossa alma, desde o 13 de fevereiro. Cá estam no nosso pasto. Não de-

S. Nicolau

Não intriguem, não calunniem, não confundam!

Não teem sido os moços academicos que teem andado por ahí a tocar nos zabumbas. Os estudantes teem cumprido á risca a letra do *Estatuto*, que não permite nem auctorisa a "novos", ou a "velhos", a usarem aquelle instrumento antes da noite de 29 de novembro em que, pelas 9 horas e tanto, deve dar entrada na cidade:

"O pinheiro maior, o mastro mais gigante, que ao longe e ao largo canta a festa do estudante!"

Não confundam pois, os catraios, que constantemente nos atordoam a chamar os *habitués* dos cinemas, com os briosos academicos. Teem sido os rapazes e não os delicados estudantes do nosso Lyceu.

E dito isto, passemos adiante. Tudo se prepara para que as *Festas* excedam este anno brilho desusado.

A entrega das maãs ás gentilissimas damas, por exemplo, revestirá grande esplendor, segundo nos informa o sr. Luiz S. Miguel, distincto presidente da Comissão d'este anno.

Os "velhos,"

E' hoje! Até que emfim chegou o momento de podermos annunciar aos nossos presados leitores o programma que um grupo de *estudantes velhos*, os que em 1895 mais parte activa tomaram no ressurgimento da linda e sempre interessante *Festa*, tenciona levar a effeito em dia que ainda não está bem designado, mas que será em 3, 4 ou 5 de dezembro.

Ora lá vae: Na igreja da Collegiada o «velho» e nosso presado amigo sr. Padre Alfredo Correia, celebrará no altar de *S. Nicolau* uma missa pelo eterno descanso de todos os estudantes fallecidos e que á *Festa* prestaram o seu entusiasmo e valioso concurso.

Findo o religioso acto irão todos "os velhos," cumprimentar os snrs. *professores* do Lyceu e abraçar commovidamente os seus antigos *mestres*, por quem conservam merecida gratidão e a mais alta sympathia.

No Theatro de D. Affonso Henriques haverá um interessante sarau.....

Alto! Quando se diz alto é para parar, e nós, embora algo contrariados, somós forçados a fazer ponto aqui, e por isso, caros leitores, nada mais, por hoje, podemos adiantar ao que acima fica dito.

Desculpem. Tenham paciencia de esperar mais alguns dias. Só oit.

Domingo... domingo...

Não façam barulho, muito pianninhos, em passo de valsa, para não interromperem o tambem "velho," entusiasta sr. padre Gaspar Roriz, que está a dar os ultimos retoques no seu formosissimo *Auto da Saudade*, o qual será representado em a nossa primeira casa de espectaculos, e cujo producto revertirá a favor da Caixa philantropica ou para a instalação d'um dos gabinetes de physica do nosso Lyceu, que a respeito de material é d'uma pobreza franciscana.

Até mete dô. coitadito!

Que pobresa, santo Deus. E como o fim é justo e sympathico, escusado será dizer que a respeito de *borlas* podem perder as esperanças...

Entradas a môdo ou de carona, como soe dizer-se, é coisa que não haverá.

Quem quizer entrar de graça, quem quizer borlas que espere

pela procissão do Senhor do Campo da Feira, para segurar ás do estandarte S. P. Q. R.

Não haverá as taes chamadas *entradas á borlin*, não! Quem quizer ver, tem mesmo de pagar alli á flôr do lyrio e prevenir o bilhetinho na *Casa Havana*, alli no Toural, no estabelecimento do nosso presado amigo sr. José Pinheiro.

Alli se baterá o cobre. Alli: toma lá, dá cá. E prompto! E não ha fugir-lhe!

"Quem manda somos nós, quem reina é NICOLAU. Governo ditador em festas não é mau..."

D. Virgilio.

Vítimas do Dever

Aos nossos amigos

Em beneficio dum correligionário nosso, que o movimento de Janeiro de 1919 atirou para a miséria, ficando privado do pão que auferia como sargento de artilheria, o Gil Vicente, fiel aos sagrados principios que defende, abre nas suas colunas uma subscrição a favor daquele nosso companheiro de infortunio, tanto mais que tem esposa e filhinhos.

E' uma obra de Justiça e de Amor que se impõe a todos os nossos amigos e correligionários, que, estamos certos, saberão corresponder generosamente ao apêlo do Gil Vicente subscrevendo com qualquer quantia a fim de socorrer quem, nas horas da luta e da incerteza, sacrificou o seu bem estar e o dos seus. Monarquico de principios o nosso infeliz amigo, é digno de toda a protecção; e desde já agradeçemos em seu nome a todos aqueles que concorram com o seu óbulo generoso.

Administração do Gil Vicente. 5000 Domingos Ribeiro 2500

Qualquer donativo destinado a esta subscrição deve ser remetida ao director do Gil Vicente — Domingos Ribeiro — Tip. Minerva Vimaranesense, rua de Santo António — Guimarães.

Pelo Orfeon

Rezou-se, no passado domingo, uma missa pela alma do Padre Ramos, e finda ella, o orfeon de Guimarães, em romagem sentida de gratidão e apreço, foi até lá acima, ao alto do campo santo, e junto da cova do morto relembrou o seu grande amigo, chorou o seu melhor mestre, e rezou pelo seu amigo e pelo seu mestre.

Na lápide que o sr. Padre Maia dos Santos descerrou, fica bem patente, ali à cabeceira do leito derradeiro do morto querido, o penhor mais nobre e frisante de amor e saudade do orfeon de Guimarães.

Eu quizera que o orfeon cantasse naquela altura solene de reconhecimento preito de sentimento, naquele logar santo de recolhimento e solidão, e ali à boca do túmulo do Padre Ramos, perto dele, achegado a ele, só para ele, o orfeon soltasse, numa toadilha chorosa de liturgia fúnebre, os cantos e as litánias da mais expressiva dôr e da mais soluçante e doce supplica, mas baixinho, muito baixinho, em reza abafada de alma desfeita em choro, para que Padre Ramos não despertasse, mas só tivesse aquella lentidão morna dos cantos a prolongar-lhe embaladoramente o sono infindavel da morte.

Eu quizera que o orfeon chorasse com cantos de chorosa prece na garganta.

Eu quizera que o orfeon rezasse correndo as contas das notas das suas músicas dolentes.

Eu quizera que o orfeon cantasse.

Gostaria de sentir aquella comoção irritante, áspera, abafada, que se experimenta como um atordoamento e perda de sentidos, o coração ofegante, a respiração custosa e as lagrimas na alma, sempre que um imprevisto surja, em alturas solenes e maguadas, e sempre que a nossa sensibilidade desperte e a nossa exaltação nervosa delire.

Os cantos são rezas que Deus acolhe boamente.

E assim, cantando, todos rezariam, e naquele solenissimo e pesado momento, naquele respeitoso e arrepiante local, todos sentiriam de-veras a afecção e vibratidade da música.

Seria uma música grave, pausada, a quebrar-se lento e lento em rezas, numas notas pequenas de toada tristonha.

Estou a ouvi-la...

Alguem falou ante o túmulo do Padre Ramos. Manuel P. Mendes pela direcção do orfeon; Dr. Adelino Jorge pelo grupo coral, e José Roriz recitou uma poesia do esperançoso poeta T. Mendes Simões, onde o sentimento vibrava na expressão simples do verso bem cantado.

Reuniu, na terça-feira passada, em assembleia geral, o orfeon de Guimarães.

Presidiu um dedicado amigo do orfeon, o sr. Francisco Guimarães. Escolha acertada, foi calorosamente recebida.

Aliviou o seu dô, o orfeon, e quere continuar o caminho primitivamente traçado, e seguir, seguir sempre, sem desanimos nem quebreiras, na delicia encantadora dos cantos das suas músicas para a orgia orquestrada da sua vida de arte e educação.

As boas vontades, os bons mestres, os sustentaculos, as firmezas, aparecem sempre com o amparo incitativo das suas boas palavras.

Os de apaixonado gosto, os de requinte apurado, os moços de coração ennobrecido, onde o sentimento desperta em arrepios de contentamento, expandem o seu entusiasmo e o amor salta-lhes da alma em gritos de alegria, em protestos de entranhada dedicação, e todos juram, com firmeza, com lealdade, prestar o seu concurso, o seu valer, trabalhar com gosto e sacrificio, para que o orfeon continue na altura do seu posto de destaque.

Falou-se muito. Juras, protestos, esperanças, vaticínios e palpites, grandes entusiasmos e reboadas loucas de alegria moça...

As boas palavras, quentes e acolhedoras, os incitamentos lançados com força calorosa, não bastam neste momento critico de falhas a preencher para que o orfeon ande e caminhe como nos áureos e desembaraçados tempos do seu viver passado.

E' preciso mais e muito; é de necessidade resolver de pronto os obstaculos que dificultam, e procurar remediar faltas que embarçam.

Depois é caminhar com segurança. Os rapazes estão sempre prontos, com ardor estimulante, a dar ingresso no orfeon. Os orfeonistas não querem que o orfeon acabe; querem somente, e quedam esperançosos, que alguem resolva as dificuldades que surgiram, e eles apparecerão como sempre a dar-lhe vida, a dar-lhe alma.

Estou a vêr o orfeon surgir novamente, grande, alevantado, como nos primitivos tempos da sua festejada glória, a soltar os cantos da sua alegria, a espalhar o bem e o amor.

A. B.

Calçado de agasalho, camisolas, ceroulas e meias de lã, na Casa Martins

O Pão, a Ordem e o snr. Administrador

O sr. A. L. de Carvalho, jornalista distincto e litterato de muitas luzes, não perde ensejo de nos servir com a sua prosa magnifica. Agora, na qualidade de vice-presidente da Camara, desdobrado em administrador do concelho, vem exortar os lavradores, em mal disfarçadas ameaças, a que vendam o pão barato, com o fundamento de que elle escasseia na *mesa dos lares pobres*. Este gesto, sob a forma de edital, do sr. A. L., é, como não podia deixar de ser, altamente sympathico; sim, realmente abastecer as *mesas dos lares pobres* á custa dos outros, é, digamos a verdade toda, sublime; sómente, o lavrador, na maioria dos casos, tambem é gente, e commumente é mesmo gente pobre, alem de ser pobre gente. O lavrador, por mais que coce a cabeça não está sempre a coçal-a e, nos intervallos gosta de a cobrir com uma carapuça ou um chapéu, e como na horta d'elle se não criam taes *legumes*, tem de os comprar. Ora o sr. A. L. seria muito gentil se aconselhasse o chapeleiro a não exigir 150000 reis por um chapéu ordinario.

O lavrador tem as botas que a mãe lhe deu ao nascer e que elle conserva preciosamente pela vida fóra. No entanto, uma vez por outra, gosta de substituir o proprio coiro pelo dos seus companheiros de trabalho, o boi ou o bezerro, e o sr. A. L. seria infinitamente gentil se conseguisse que o sapateiro lhe satisfizesse esse devaneio por menos de 450000. O lavrador, por muito affeito que ande á chuva e ao sol, tambem gosta, de quando em quando, de dar dois dedos de cavaco aos domingos a qualquer cachopa da sua predileção e, para parecer gente á altura da Civilização do sr. A. L., deixa em casa o rijo marmeleiro ou o lodão flexivel e empunha garboso o seu guardasol. Ora o sr. A. L. seria superlativamente gentil (e aqui com pouco custo) se obtivesse dos guardasoleiros que *ao menos* lhe substituissem a seda do seu velho guardasol, cançada de tantas campanhas amorosas hebdomadarias, por menos de 25 ominosos mil reis. O sr. A. L. seria a quinta essencia da gentileza se fizesse eguaes diligencias junto dos alfaiates, dos merceeiros, dos mercadores, dos serralleiros, de todos aquelles de quem o lavrador precisa para satisfazer as exigencias da sua vida e depois d'isso o sr. A. L. teria carradas de razão para dizer amaveis coisas aos lavradores, com o azorrague atraz das costas; mas em quanto o não fizer, e não o faz não só porque não quer, como principalmente porque não pode, melhor faria se em logar de elaborar os seus magnificos editaes, intimasse S. Martinho a fornecer sol ás eiras, já que este anno se esqueceu de fornecer vinho aos toneis.

Sim, porque não sei se sua *mercê* tem reparado, todo entregue como está aos cuidados do seu alto cargo (e tão alto que para quem não nasceu para voar tanto não admira que lhe cauze vertigens) não sei se tem reparado, ia eu dizendo, que ha mez e meio que o sol apparece com a frequencia com que na republica apparecem as medidas sensatas, e tambem não sei se sabe que se para fazer pão é preciso grão, para este se poder moer é preciso que esteja secco e para seccar precisa de sol.

E' certo que a fiscalisação do sol não compete precisamente ao sr. A. L., se bem que não lhe faltam meritos para isso, mas sim a mais categorisados estadistas. Que elle ande ás horas que a republica convem, já se tem conse-

guido, mas o que ainda não foi possivel obter d'elle foi que elle brilhasse como brilha o talento do sr. A. L. sempre que fôr preciso.

Ora elle agora anda embirrado com o que se passa cá por baixo — não por coisas que o sr. A. L. lhe tenha feito, isso não, o sr. A. L. nunca impediu que o sol incomodasse ninguem — mas lá por outras coisas — e o resultado da birra é estar o milho a apodrecer nos campos ou na eira dos lavradores.

Já se lhe tem enviado mensagens, já se teem feito protestos, mas o mais que d'elle se tem obtido é dizer que se o pedreiro ganha 4 ou 5 mil reis por dia e outro tanto o carpinteiro, 3 vezes isso o chapeleiro, dez o alfaiate, cem o sapateiro, cento e cincoenta o guardasoleiro, não vale a pena ninguem ralar-se com o preço do pão.

E d'ahi sr. administrador; ha falta de pão? O governo que o mande vir, que é de proveito para todos principalmente para elle e seus amigos, para quem o negocio dos trigos e dos carvões pode ás vezes não chegar.

E deixe os lavradores, os proprietarios, que tanto o apavoram. Olhe que são elles que dão que fazer ao pedreiro, ao carpinteiro, ao trolha, ao jornaleiro. São elles que sustentam os asylos e outras obras pias, elles e poucos mais alem d'elles.

Ha abusos? Ha sim sr., com toda a certeza. Ha mesmo grandes patifes na familia agraria, mas são raros e todos lá da grei. A maioria é de gente generosa que não deixa de valer por todas as formas ao seu semelhante, mas seja, ou não seja, o que é facto é que dentro d'esta luminosa e hilariante republica elles teem, pelo menos na theoria, direitos eguaes a outro qualquer cidadão. E' preciso conservar de pé para honra da republica a moralidade do sapateiro de Braga.

Vossa Mercê, por exemplo, açambarca empregos decorativos; camarista, administrador, jornalista, dramaturgo, philosopho; parece-lhe talvez que não vem d'ahi mal ao mundo? pois vem sim sr., porque para V. Mercê nos largar editaes como aquelle de que vimos fallando, deixa de estar no seu logar quem os fizesse publicar com um pouco mais de senso commum.

Deixe pois os lavradores, proprietarios ou não, em paz. Lembre-se de que elles tambem são gente e de que este anno teem necessariamente de passar fome e frio — sim, fome os detentores do pão, sim frio, os detentores da lenha porque lhes falta o vinho que vossa mercê bebe apenas, mas que elles bebem e comem, que a V. Mercê só aquecerá por dentro mas que a elles aquece por dentro e por fóra.

E quanto á pacificação, V. Mercê empregaria melhor o seu tempo e o seu talento tentando convencer o *povo trabalhador* que é um escandaloso trabalhar só 8 horas por dia quando V. Mercê trabalha as que forem precisas para bem d'elle. Quantas horas, por exemplo, lhe levaria a fazer o seu edital?

Ahi, sr. vice-presidente e administrador, é que é atacar a questão.

Ataque, sr. A. L., ataque.

Um proprietario.

Casa n'aldeia

Prende-se alugar nas proximidades de Guimarães. Resposta ao Hotel Central, quarto 22 — Fafe.



Anniversarios

Durante esta semana fazem anos as Ex.^{mas} Srs.:

- Dia 23 — D. Adelaide Vasco Leão.
- » 24 — D. Josepha Adelaide de Meira.
- » — D. Maria Beatriz Monteiro de Meira.
- Dia 24 — D. Maria do Carmo de Noronha.
- Dia 25 — D. Beatriz Sampaio.
- » 27 — D. Julia Amelia de Andrade Sousa Trepa d'Oliveira Ramos.
- Dia 27 — D. Maria d'Oliveira Correia de Mattos.

E o Sr.:

Dia 21 — Francisco Joaquim da Costa Magalhães.

— Parabens.

Passou no ultimo domingo, 14 do corrente, o anniversario natalicio da Ex.^{ma} Sra. D. Anna do Paffocinio Novaes Teixeira, gentil filha do nosso prezado amigo, sar. Capitão José Antonio de Novaes Teixeira. Os nossos parabens.

Os acontecimentos de sexta-feira e a pouca energia do administrador

Os excessos cometidos na tarde de sexta-feira estavam previstos dada a indolencia quasi criminosa daqueles que, podendo evitá-los, não quizeram ouvir as nossas palavras, de sincero conselho, que aqui, neste logar, dissemos bem claras e bem demonstrativas, mostrando sem sofismas a gravidade da situação. O sr. Antonio Lopes de Carvalho, como administrador, devia ter tomado providencias rapidas e energicas pois a massa popular manifestou-se abertamente contra a sua attitude de resolver a grave questão do pão com simples editaes.

Quando o povo perde o respeito ás autoridades, a indisciplina é certa e o odio da vingança lava impiedosamente. E o sr. administrador não soube encarar com energia a gravidade do momento e só tarde, muito tarde requisitou a guarda republicana, que, digamos de passagem, não foi activa nem energica, correndo de bôca em bôca o boato de terem alguns guardas esta expressão: *bem, vão embora já que não souberam fazer a "fita" a tempo.*

Durante os assaltos, e servindo-se das costas do povo exaltado, criaturas sem escrupulos, que é preciso descobrir e castigar, fizeram roubos de objectos que nem de longe se assemelhavam a gêneros de primeira necessidade...

Como lutamos com falta de espaço, deixamos para o proximo numero mais desenvolvidas considerações que julgamos necessárias para, mais uma vez, mostrarmos ao povo, ás autoridades e aos proprietarios o melhor caminho de tudo se remediar.

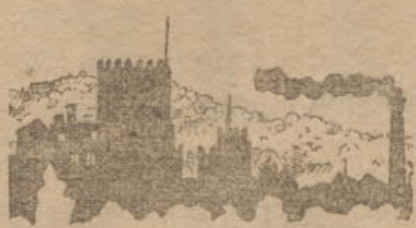
...Se nos quizerem ouvir por que senão...

O sr. Antonio Lopes de Carvalho, servindo como administrador, ainda fez distribuir o seguinte edital:

«Tornando-se necessário dar satisfação a justas reclamações das classes pobres e ainda porque se torna indispensável averiguar da veracidade da maior parte dos manifestos relativos á produção— Hei por bem determinar, para conveniencia e garantia da ordem publica, que, até ordem em contrário, não seja permitida a saída do milho produzido no concelho para fora do mesmo.

Mais faço saber: Que toda a alteração da ordem publica, seja sob que fundamento for, será re-

primida com toda a energia; porquanto, como é evidente, nenhum sistema social pode funcionar em regime de desordem, de violência e de indisciplina.»



Por Guimarães

Lyceu Central

Por ter passado para o Estado o custeio do nosso Lyceu, houve na quinta-feira, nesta cidade, manifestações de regosijo, vendo-se illuminados e embandeirados os edificios da Camara, Administração, Lyceu e Escola Primaria Superior.

Tentativa de evasão

Numa das noites passadas tentaram mais uma vez pôr-se em fuga os presos da cadeia civil desta cidade, por meio de arrombamento, o que felizmente não conseguiram, por terem sido presentidos pelo director da cadeia.

Bombeiros Voluntarios

A benemerita corporação dos Bombeiros Voluntarios desta cidade, resolveu exigir um mansoleu para os seus mortos no Cemiterio da Athougua.

Para tal fim, a Comissão Executiva da Camara Municipal, deliberou inscrever no seu proximo orçamento a verba correspondente á compra do terreno.

Gaby Deslys

Hoje teremos occasião de apreciar no «Cinema Chantecler» a gentil Gaby Deslys, essa elegante e formosa artista, que enlouqueceu varios cerebros por esse mundo fóra.

Aos seus apaixonados d'outra que porventura conservem ainda o nome de Gaby Deslys, como a saudade d'um passado de promessas, os amores da malograda artista, vão fazê-la reviver no écran.

E' uma empresa allemã que tratou de o conseguir, tendo adquirido os direitos de filmar a famosa novela de Schevelkamp — «Bouquette».

Não se dirá, pois, que uma aventura amorosa deixa de fallar á posteridade, ajudando a immortalisar uma formosa actriz, que soubera ser ao mesmo tempo artista e mundana e por isso mesmo também duplamente apreciada.

Res nossos leitores

Recomendamos aos seus queridos bemfeitores a inteligente menina Olinda Santos, que, com a morte de seu extremoso pai—o 1.º sargento-musico Santos—, ficou privada de recursos monetários para concluir os seus estudos na Escola Normal de Braga, que findam no ano lectivo de 1920-1921.

Qualquer donativo que nos seja enviado será entregue áquella futura professora, bem digna do auxilio das almas bem formadas.

CASA DAS NOVIDADES

Variada colleção de imagens, medalhas, oleographias religiosas e profanas.

Papelaria e perfumaria. Profuso sortido de livros de piedade.

Livros de prégação e apologetica em lingua francesa.

Acção de divórcio

Por sentença de 27 de Outubro findo, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio definitivo de Joaquina Gomes da Silva e Manuel Crisostomo da Silva Bastos, ele official de diligencias e ambos moradores na praça de D. Afonso Henriques, da cidade de Guimarães, com fundamento no n.º 2.º do artigo 4.º do decreto de 3 de novembro de 1910, o que se faz público para os efeitos legais.

Guimarães, 19 de novembro de 1920.

O escrivão do 1.º officio,

Armando da Costa Nogueira.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Amadeu José Gonçalves.

ANNUNCIO

(2.ª Publicação)

Sociedade comercial que entre si fazem Manuel Teixeira, Gaspar da Costa Pereira, António Joaquim da Silva e Marino da Silva, todos desta cidade, em 22 de Outubro de 1920.

No ano de mil novecentos e vinte, aos vinte e dous dias do mez de Outubro, nesta cidade de Guimarães, na rua de Francisco Agra e cartório do notário da comarca Bacharel António José da Silva Basto Júnior, perante mim o seu ajudante, em exercicio, João Evangelista Neves de Almeida, e as testemunhas idoneas adiante nomeadas e no fim assinadas, compareceram: como primeiro outorgante, Manuel Teixeira; como segundo, Gaspar da Costa Pereira, ambos proprietários; como terceiro outorgante, António Joaquim da Silva, industrial, todos tres moradores na rua de S. Torcato; e como quarto outorgante, Marino da Silva, industrial, da rua de D. João I, todos quatro ca-

sados, desta cidade e pessoas cuja identidade reconheço.

E por elles foi dito: Que, pela presente escritura, constituem uma sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, de que ficam sendo sócios, e que será regida pelas clausulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º — Esta sociedade adopta a firma «Teixeira, Silva & C.ª, Limitada», e fica com a sua sede nesta cidade e o seu estabelecimento na dita rua de S. Torcato, numero sete a treze.

2.º — O seu objecto é o exercicio do comércio de pentes, calçado e cutelarias e qualquer outro artigo que se resolva explorar.

3.º — A sua duração é por tempo indeterminado e para todos os efeitos o seu começo se contará desde o dia de hoje.

4.º — O capital social é de doze mil escudos, em quatro quotas iguais, sendo, portanto, de trez mil escudos a quota de cada um dos sócios.

5.º — As quotas de todos os sócios são em dinheiro e estão inteiramente realizadas, tendo já entrado na caixa social, as respectivas importâncias.

6.º — O capital social poderá ser aumentado com qualquer importância em dinheiro, créditos ou outros bens, sendo feita a respectiva subscrição por um ou mais sócios, ou mesmo por pessoa estranha, conforme depois a sociedade resolver.

7.º — A cessão e a divisão das quotas ficam dependentes do expresso consentimento da sociedade, manifestado em titulo autêntico ou autenticado.

8.º — Não obstante o que fica estipulado no artigo precedente, a cessão total ou parcial de uma quota a favor de qualquer sócio e a divisão de quotas por herdeiros dos sócios, não carecem de autorisação especial da sociedade.

9.º — No caso do falecimento ou interdição de algum dos sócios, os seus herdeiros ou representantes, tomarão o lugar do falecido ou interdito e exercerão, em comum, os direitos deste, emquanto a respectiva quota estiver indivisa.

10.º — A sociedade será representada em juizo e fora d'ele, activa e passivamente, por todos os sócios, que ficam sendo gerentes. Para que fique obrigada basta, porém, que os respectivos actos sejam assinados em no-

me da sociedade pela maioria dos mesmos sócios.

§ único — Os gerentes são dispensados de caução.

11.º — Posto que a gerencia incumba aos quatro sócios, a superintendencia em todos os serviços internos nas oficinas, será exclusivamente exercida pelo sócio Gaspar da Costa Pereira.

§ 1.º — A officina de pentes será dirigida pelo sócio Manuel Teixeira, a cargo do qual fica a caixa.

§ 2.º — A officina de calçado será dirigida pelo sócio António Joaquim da Silva.

§ 3.º — A officina de cutelarias será dirigida pelo sócio Marino da Silva, a cargo do qual fica a escrituração.

12.º — Os balanços fechar-se-hão em trinta e um de Dezembro de cada ano.

13.º — Os lucros liquidados que resultarem do balanço anual, deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva, emquanto este não estiver realizado, ou sempre que fôr preciso reintegrá-lo, serão divididos pelos sócios em partes iguais.

14.º — Por coata dos seus lucros, cada um dos sócios poderá receber mensalmente da caixa a quantia de cem escudos para os seus gastos pessoais.

15.º — As reuniões da sociedade serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com antecedencia de trez dias.

16.º — Nos casos omissos regularão as disposições do direito applicavel e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

Assim o outorgaram e reciprocamente aceitaram, do que dou fé. O selo devido na importância de dezenove escudos e cinquenta centavos, será no fim pago por estampilhas fiscaes. Foram testemunhas presentes Fernando Augusto Machado, solteiro, maior, escrevente, da rua de Arcela, desta cidade e Francisco Ferreira, viuvo, proprietário, desta rua, os quais esta escritura assinam com os outorgantes e comigo notário ajudante, depois de ser por mim lida em voz alta na presença de todos. — Manuel Teixeira, Gaspar da Costa Pereira, António Joaquim da Silva, Marino da Silva, Fernando Augusto Machado, Francisco Ferreira.

O notário ajudante,

João Evangelista Neves d'Almeida.

“A Gloria Portuguesa,,

COMPANHIA DE SEGUROS

EM TODOS OS RISCOS

Capital 2.500 contos

Representante geral no concelho de Guimarães

José da Costa Rainha

Rua Dr. José Sampaio—GUIMARÃES

CASA DUARTE

Fazendas nacionaes e estrangeiras. Lanifícios, tecidos d'algodão e bonés. Variado sortido de casimiras e outros tecidos para homem, senhora e criança. Zefires, riscados, cotins, panos brancos e crús, atalhados, cha-les, colchas, cobertores, camisas, gravatas, etc.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Manoel A. Pereira Duarte

RUA 3 DE JANEIRO
(antiga de Santo Antonio)

GUIMARÃES

COLÉGIO ACADÉMICO

Campo da Misericórdia—GUIMARÃES

Recebe alunos internos, semi internos e externos. Instrução primaria e secundaria, incluindo a 6.ª e 7.ª classes. Mais esclarecimentos sejam pedidos á direcção.

A SEGURADORA

Companhia de Seguros e Reseguros

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Sede no Porto—Rua das Flôres, 118

Capital Social: 500.000\$000 réis

Idem realisado: 250.000\$000 »

Efectua seguros contra incendio,

- » » » marítimos e guerra
- » » » quebra de cristais
- » » » assaltos, greves e tumultos
- » » » postaes

Representante nesta cidade e concelho:

Avelino da Silva Guimarães
Rua de Camões

JOÃO RIBEIRO

TAILLEUR

Executa com a maxima perfeição e elegancia toda a obra de alfaiate para CAVALLEIROS, SENHORAS E CRIANÇAS

..... Córte Inglez Sistema Misteinr's

Largo Dr. Avelino Germano (S. Paio) n.º 7 e 9

GUIMARÃES

Companhia de Seguros

Luso-Brasileira.

SAGRÉS

Capital 2.000.000\$000

Seguros marítimos, terrestres, incendios, agricolas postaes e contra greves, tumultos e roubos.

Sede: Rua de S. Julião, 19-2.º—LISBOA

Correspondente em Guimarães—Jeronymo Ribeiro da Costa Sampaio.

BANCO DE SEGUROS

Capital 3.000 contos

Rua da Victoria, 73—LISBOA

Efectua seguros contra todos os riscos, incluindo greves, assaltos, accidentes de trabalho e todos os de vida

Medico: *Dr. Antonio José Rodrigues Toriz.*

Correspondente em Guimarães:

CASA MOUTINHO

Praça D. Afonso Henriques, 78 a 82

TODAS

AS SENHORAS

que tenham PERTURBAÇÕES DAS REGRAS MENSAES, ou que tenham NO VENTRE NA OCASIÃO DAS REGRAS, ou a quem FALTE A MESTRUAÇÃO, curam-se tomando a

Amenorrhœina

Pedir instruções que serão remetidas gratuitamente.

AS

Perturbações digestivas das creanças

os vomitos, as djarrhéas, as dores intestinaes e as perturbações resultantes da dentição, curam-se tomando de 3 em 3 horas um comprimido de

Bacilina Lactica

AS

Creanças lymphaticas escrophulosas ou rachititas

Curam-se tomando a cada refeição tantas gotas de

Idopeptona Sanitas

quantos forem os anos de idade.

Estes medicamentos acham-se á venda nas boas pharmaeias e no deposito de Lisboa: Neto, Natividade & C., Rocio, 121, 122. Pedir instruções, que serão remetidas no volta do correio ao LABORATORIO «SANITAS» — T. do Carmo, 1—Lisboa

Medicamento
Polteral Ferruginosa
Farmacêutica Franco

Este é um precioso medicamento medicinal que, graças á sua composição, proporciona a mais rápida e eficaz reconstituição da constituição debilitada, e a mais perfeita recuperação do organismo. É especialmente indicado para a cura de todas as doenças debilitantes, e para a recuperação do organismo após a convalescença de qualquer doença aguda ou crônica.

É legalmente autorizado e providenciado por

Pedro Franco & C.ª L.ª
DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147—LISBOA

GRATULAZÃO
LONDRES 1904
PARIS 1905

Xarope Peitoral James
CURA INFALIVEL DE TODAS AS TOSSES, MESMO AS MAIS REBELDES, bronquites crônicas e agudas, ataques asmáticos, etc. Mais de 50 annos de experiência e o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Sãnae e Hygiene de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147—LISBOA

GRAND PRIX
CONTRA FALSIFICAÇÃO
PRÊMIO NUTRITIVO DE CARNE

PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO,
Lisboa 1888,
Paris 1889,
Belem 1893,
Amoy 1894,
Londres 1904,
Rio de Janeiro 1905.

Manufactory Industrial Portugues 1915.

Pedro Franco & C.ª L.ª
RUA DE BELEM, 147—LISBOA

ARMAZEM DE TECIDOS D'ALGODÃO
— DE —
Alberto Pimenta Machado

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Fazendas nacionaes e estrangeiras. Lanifícios, zefires, riscados, cotins, panos brancos e crús, chaes, gravatas, etc. etc.

AGENTE DA COMPANHIA DE SEGUROS «TRIUNFO»
Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES